

A ESCOLINHA DE ARTE VEIGA VALLE DE GOIÁS – PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Edna Goya - UFG

RESUMO

O objetivo do estudo, de base histórica, é compreender os princípios históricos, filosóficos e ideológicos que deram sustentação a formação do pensamento sobre o ensino de arte infantil, artístico goiano, haja à vista que a sua origem começa a se desenvolver a partir da transferência da capital, bem como identificar quais pensamentos pedagógicos sustentaram suas práticas, sem perder de vista os aspectos socioeconômicos, políticos, e culturais que favoreceram ao desenvolvimento do ensino de arte em Goiânia e possíveis contribuições das escolas superiores para a afirmação do ensino de arte.

Palavras-chave: ensino; artes visuais; ensino de artes

ABSTRACT

The objective of the study, of historical basis, is to understand the historical, philosophical and ideological principles that supported the formation of the thought on teaching children's art, artistic of Goiás, once its origin begins to develop from the transfer of the capital city, as well as identify which pedagogical thoughts supported their practices without losing sight of the socio-economic, political, and cultural conditions that favored the development of art education in Goiânia and possible contributions from universities in order to affirm the teaching of art.

Key words: teaching, visual arts, arts education.

Para se entender como o processo de desenvolvimento do ensino artístico infantil goiano, bem como as bases filosóficas que sustentaram as suas práticas, faz-se necessário abordar as causas que desencadearam a sua origem, o que implica na transferência da capital – da cidade de Goiás – para Goiânia, em 1937, fato que passa a exigir uma nova forma de reorganização social, antes voltada à cultura e costumes rurais, voltando-se agora para o aspecto urbano, o que implica na criação das Universidades: de Goiás (depois Católica, hoje PUC/GO) e Federal (UFG), como meio para formar a liderança administrativa necessária à direção e inserção do Estado no circuito econômico nacional.

O modernismo, no Brasil, foi um movimento importante que abarcou a cultura e que reverberou significativamente sobre a sociedade brasileira, e que se efetiva, sobretudo, no campo da literatura e da artes plásticas, na segunda década do século

XX, diante da preocupação com um projeto poético voltado para a renovação da arte, até então sustentado em modelo europeu, movimento este, agregado à construção de uma ideologia; busca de um pensamento estético, voltado para a cultura nacional, próprio e atualizado, deflagrado, em 1922, com a Semana de Arte Moderna. Em decorrência da “efervescência” do momento, desenvolve-se a indústria, expandem-se o setor comercial e o financeiro, com a abertura de espaços para novos acontecimentos nas décadas seguintes.

Já a modernidade em Goiás se desenvolve não em função de um ideal estético, mas de colocar o Estado em situação de modernidade, no cenário nacional. A transferência da capital para um lugar estrategicamente melhor situado, com projeto arquitetônico público, em *Art Déco*, a criação das universidades, o desenvolvimento da cultura, da educação, e da economia marcariam o começo dessa nova fase.

Ao passo que Goiânia se firmava como capital de Goiás, tornando-se centro de decisões políticas, observava-se não só seu aprimoramento na economia, na estrutura urbana e uma ênfase na melhoria das condições de vida da sociedade, mas também as preocupações com a área cultural. Eram visíveis as transformações na área da saúde, da educação, da cultura e das artes, que, embora acanhadas, já apresentavam sinais de se constituírem objetos das atenções, sobretudo dos intelectuais, que buscavam organizar-se.

Em 1942, surge o primeiro movimento cultural de Goiânia com o *Grupo Oeste* (1942-1945), formado por intelectuais de diferentes tendências literárias modernas. Criaram-se os primeiros institutos e entidades de fins culturais, faculdades, unidades atualmente inseridas nos complexos universitários de Goiânia – PUC e UFG.

Com os artistas vindos da antiga capital - cidade de Goiás - a arte de Goiânia começa a se organizar e a se redefinir, sendo a Sociedade Pró-Arte (1945-1947), um dos primeiros movimentos artísticos de Goiânia e que deu origem às primeiras *escolinhas* de arte infantil, cujo projeto de uma delas resulta na criação da Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), instituição superior de ensino que deu origem ao Instituto de Belas Artes de Goiás (IBAG), atual FAV/UFG. Estas escolas marcaram a origem e o desenvolvimento dos cursos superiores de artes em Goiás.

Entre 1948 e 1949 o fundador da Sociedade Pró-Arte, Neddermeyer, aliado a Jorge Félix de Souza (engenheiro), a Edilberto da Veiga (desenhista) mobilizou os alunos e montou, em caráter não oficial, uma *escolinha* de arte que funcionou ao ar livre, em frente ao Palácio do Governo (Praça Cívica-Centro). Comovido com a disposição dos artistas, o governo cede-lhes duas salas do Museu Estadual de Goiás.

Em 1949 Luiz Curado, artista plástico, gravador, escultor, animador de artes, e pioneiro da xilografia em Goiás convida Gustav Ritter para elaborar um projeto de *escolinha* de artes, cuja ideia inicial era a apenas a de um curso rápido, mas que se tornou, de fato, o embrião da primeira escola de ensino superior de Artes em Goiás – EGBA. No projeto de *Escolinha* os cursos seriam ministrados a um pequeno grupo, adultos e crianças, para desenvolver o potencial artístico e formar uma visão da História da Arte. O projeto de *escolinha* despertou o interesse de Dom Emanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiânia, que providenciava, na época, a criação da PUC/GO, pois via na ideia a possibilidade de integração à almejada Universidade, ao lado das faculdades de Filosofia, considerada a célula *mather*, de Ciências Econômicas, de Farmácia, Odontologia e de Enfermagem, na época, autônomas. Estas Unidades, juntas, formariam uma Universidade.

Com a liderança de Luiz Curado, Ritter, artista alemão e Confaloni, frade e artista plástico italiano, formava-se, então, o trio que promoveria o definitivo rompimento das artes goianas com a tradição neorromântica que imperava até o começo dos anos 50. Com o apoio da Secretária Regina Lacerda, deu-se o andamento ao processo de criação da EGBA, inaugurada em 1954, sendo o projeto da escolinha retomado somente em 1962 por Luiz Curado.

Em maio de 1954 acontece, na EGBA/PUC/GO, a *I Exposição de Arte Infantil de Goiânia*, em homenagem às mães. O requisito para participar da exposição era que os trabalhos fossem originalmente criações infantis. Houveram 400 inscritos, com 200 desenhos selecionados. O grande número de participantes do concurso levou a escola a criar, na EGBA, um curso livre de arte, noturno, em pintura e escultura, para dar oportunidades aos aficionados pelas artes, entre eles Siron Franco.

A criação da Escolinha de Arte Infantil Veiga Valle

Nesta parte, buscamos discorrer sobre a origem e desenvolvimento da escolinha infantil de arte, Veiga Valle, verificar se houve assimilações dos princípios filosóficos do movimento do MEA/RJ por esta escola, localizada na Vila Nova, Goiânia-GO, e de que forma ela contribuiu para a formação do professor em Goiás.

A pesquisa tem de base histórica, fundamentada em documentos, depoimentos, relatos orais e escritos, e em entrevistas feitas com pessoas que estiveram ligadas à Escola de Arte Veiga Valle, desde sua fundação. Consultamos arquivo de atividades artísticas das crianças da época.

Para Cecy Aparecida Curado MORAIS (Entrevista, 2005), reconhecida como fundadora e primeira diretora da Escolinha de Arte do D.E.C., a criação da escolinha foi mérito do governo de Íris Rezende Machado, no final dos anos 80, na gestão da Secretária de Educação Terezinha Vieira. Mas considera que o projeto filosófico original da escola foi descaracterizado, e que o arquivo histórico foi incendiado. Porém, a atual direção da Escola de Arte Veiga Valle, Sônia Maria ARAÚJO (Entrevista, 2005) declarou existir alguns documentos, mas, que nos foi disponibilizada para consulta somente uma cópia do Regimento Interno da Escola, publicado no Diário Oficial, de 31 de maio de 1994; uma cópia do Decreto-Lei com mudanças de nome da escola e alguns recortes de jornal, com matérias referentes a eventos promovidos pela escola, a exemplo da exposição “Olhos pequenos nos Mestres Goianos”; recorte sobre a “Abertura de inscrições para coral da cidade”; sobre “Consertos, em série, de Natal & Escola de Arte Veiga Valle”.

Mas, são muitas as versões sobre quem fundou a escolinha, sendo a primeira delas a afirmação de que a ideia de se criar uma “escolinha” de arte surgiu das professoras Edméia Jordão, Assessora de Artes Plásticas do Departamento Estadual da Cultura (D.E.C.) e Maria de Castro Miranda, ambas da Escola Goiana de Belas Artes (EGBA). Na versão de MORAIS (Entrevista, 2005), a ideia de criação foi levada ao D.E.C., cujo diretor era o jornalista Domiciano de Faria Pereira. Este, com o apoio do Secretario da Educação e Cultura, Jarmund Nasser e do Governador da época, Dr. Otavio Lage de Sequeira, convidou, em agosto de 1967, a professora e artista plástica MORAISⁱ, para estruturar uma “escolinha” de arte semelhante a “escolinha” do Brasil, fundada em 1948, no Rio de Janeiro. Para Alice

VIEIRAⁱⁱ (Entrevista, 2005) o nome Veiga Valle foi uma homenagem do presidente da fundação cultural de Goiás, em 1980, Jacy Siqueira, ao escultor, barroco, goiano, do século XIX, José Joaquim da Veiga Valle.

Para Dona Ely Craveiro CURADO (Entrevista, 2005), viúva do professor Luiz Curado, a ideia de criar a *Escolinha de Arte Infantil*, projeto que se transformou em EGBA, a convite da PUC/GO, em 1949, foi retomada por Luiz Curado, em 1962, quando passa a funcionar, já com o nome de Veiga Valle. Foi dirigida por ele, mesmo depois de 1964, quando foi transferida para o Estado, passando a funcionar sob o patrocínio do Departamento Estadual de Cultura (D.E.C). Afirma que a escolinha sempre funcionou no Bairro Vila Nova, ao lado do Instituto de Educação, e que o motivo que levou Luiz Curado a passar a escolinha para o Estado deu-se para que as crianças pobres pudessem frequentar a escola, que por ser privada lhes saía muito caro. O nome da escola é uma homenagem prestada por Luiz Curado ao artista plástico José Joaquim da Veiga Valle, que, além da obra do artista despertar sua admiração, era seu primo por parte de pai.

Na versão de Luiz Curado (Entrevista, 1992), em 1964, a escolinha foi transferida para o Estado para funcionar sob o patrocínio do Departamento Estadual de Cultura. Conforme Luiz Curado, foi MORAIS, a sua sobrinha, a segunda dirigente da instituição, e que a implantação da *escolinha* foi pensada para uma prática artística voltada para as crianças, com a preocupação de fugir da formalidade das práticas convencionais, da época. Para dirigir a escolinha MORAIS faz, na época, um curso na Escolinha de Arte do Brasil, do Rio de Janeiro para compreender a proposta de ensino da escola.

Em 1984 a Escola de Música e Dança da Secretaria de Cultura e Desporto, foi incorporada ao Instituto Escolinha de Arte Veiga Valle, passando a chamar-se Escola de Arte, Música e Dança Veiga Valle. Em 1987 o nome foi alterado novamente para Escola de Arte Veiga Valle.

Para MORAIS (Entrevista, 2005), a implantação da Escolinha foi pensada para uma prática artística voltada para as crianças, com a preocupação de fugir das formalidades das práticas convencionais da época, centradas na cópia, com o intuito de colocar em prática as novas ideias de ensino de arte. Com esse propósito,

partem para o Rio de Janeiro, MORAIS, sobrinha de Luiz Curado, Maria do Rosário (Zaia), sua convidada e colega do curso de Belas Artes, para um estágio com Augusto Rodrigues, sob a coordenação de Noemia Varela, na Escolinha de Arte do Brasil, onde vivenciaram por 180 horas, os aspectos filosóficos e práticos do processo Arte-Educação Reafirma ainda que foi com o patrocínio do D.E.C., que surge em Goiás, no final de 1967 a primeira “Escolinha de Arte”, sob o patrocínio do governo estadual com o objetivo de fomentar e pressionar, a Secretaria da Educação, a sanção do anteprojeto que deveria ser referência e que viria completar um novo Modelo de ensino de arte (Lei de Diretrizes e Bases nº 5692). No Brasil já somavam 130 Escolinhas de Arte.

Nesse embate sobre quando e quem fundou a Escolinha de Arte de Goiás, têm-se diferentes versões dos fatos. Ressaltamos que, segundo informações contidas no *Curriculum Vitae* do Professor Luiz Curado, de 1973, apresentado à Faculdade de Educação (FE/UFG), consta que ele cria, “em 1962, a primeira “Escolinha de Arte Infantil” de Goiânia e que várias exposições foram apresentadas pela Escolinha. Em 1964, foi transferida para o Estado para funcionar sob o patrocínio do Departamento Estadual de Cultura, pelo D.E.C.”.

Na versão de MORAIS (Entrevista, 2005), a primeira Escolinha de Arte de Goiânia-GO, foi moldada, segundo os ideais do MEA, e amparada pelo Departamento Estadual de Cultura de Goiás, começando a funcionar, numa salinha do Museu Zoroastro Artiaga, localizado na Praça Cívica, centro de Goiânia, e este Museu pertencia ao Departamento da Cultura do Estado de Goiás. Ela começou com poucos alunos, na maioria de classe alta, filhos dos parentes e amigos dos coordenadores da Escolinha. Na sua versão, o curso, nessa escolinha, inicia-se em agosto e termina em dezembro de 1967 com 45 alunos matriculados. Em 1968, uma segunda sala é disponibilizada e, em pouco tempo, a Escolinha alcança 16 turmas, com crianças de 7 a 11 anos, frequentando a escolinha, três vezes por semana, durante duas horas diárias.

Segundo MORAIS (Entrevista, 2005), o número de alunos aumentava, a cada dia, tornando o espaço físico e o número de animadoresⁱⁱⁱ insuficientes para atender a demanda, pois as ideias inovadoras da escolinha começaram a se difundir, e as classes sociais a se misturarem. O direito de cantar, fazer teatro, desenhar e estudar

História da Arte e até mesmo fazer aulas de inglês deixa de ser privilégio somente dos ricos. As primeiras animadoras de salas da escolinha do D.E.C são Morais e Maria do Rosário Cardoso (artista plástica). Depois conta-se com mais duas professoras indicadas pela Secretária da Cultura, que são Yolanda Gusmão e Silvia Antônia Calixto, ambas dotadas de grandes habilidades manuais.

De acordo com documentos escritos e depoimentos orais de MORAIS, no dia 27 de outubro de 1967, 04 dias após o aniversário de Goiânia, e de Pedro Ludovico Teixeira, fundador da capital goiana, é feita a primeira exposição da Escolinha, do D.E.C., baseadas em desenhos cegos coloridos, em preto e branco, ilustrações, papel carbono, desenho livres e copiados, ficando definido para este dia o aniversário da Escolinha, conforme *Decreto de Criação da Escolinha de Arte (1º Decreto nº 212 de 28/07/1969)*. Mas, de acordo com a entrevistada Alice VIEIRA (Entrevista, 2005) e com o Decreto acima relacionado, a escolinha já funcionava desde 23 de outubro de 1967, e seu aniversário foi comemorado na data de sua fundação.

Temos, portanto, três versões sobre a origem da Escola de Arte Veiga Valle de Goiânia, e que sem os documentos originais, queimados pelo incêndio ocorrido na década de 80, torna-se difícil afirmar, com segurança, o que aconteceu.

Conforme estudos realizados, por GOYA, (1998, p.65), sobre o nascimento da gravura e da cultura urbana, na nova capital, consta que entre 1948 e 1949 Neddermeyer, um dos fundadores da Sociedade Pró-Arte de Goiás, aliado ao engenheiro Jorge Félix de Souza e ao desenhista Edilberto da Veiga, montou, em caráter não oficial, uma *escolinha* de arte, que funciona ao ar livre, na Praça Cívica, em frente ao Palácio do Governo, e que comovido com a disposição dos artistas, o Governador Jerônimo Coimbra Bueno, cedeu-lhes duas salas do Museu Estadual de Goiás.

Levantamos, então, duas questões: Ou, teria a Escolinha de Arte Veiga Valle nascido realmente, em 1967, como “Escolinha de Arte” do Departamento Estadual de Cultura (D.E.C.)? Não seria, então, a atual Escolinha de Arte Veiga Infantil Valle, fundada em 1967, resultado da fusão da “Escolinha de Arte Infantil”, criada por

Neddermeyer, Jorge Félix de Souza e Edilberto da Veiga, entre 1948 e 1949, com a de Luiz Curado, criada em 1962?

Cecy Aparecida Curado MORAIS (Entrevista, 2005) trabalhou durante cinco anos na Escolinha de Artes do D.E.C. Dos anos de 1967 a 1971 a Escolinha já possuía cerca de 500 alunos, adolescentes e contava com as mães que trocavam experiências em atividades artesanais, pois o lema da Escolinha era orientar em Arte-Educação os interessados dos 03 aos 80 anos. Dentre as marcas de passagem da professora na Escolinha pode-se citar o logotipo criado pela artista, ao se orientar pedagogicamente com Viktor Lowenfeld com a obra *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*, e em Rebert Read em a *Educação Através da Arte*, autores da tendência pedagógica Livre-expressionista.

Na escolinha, tudo era exposto e comentado, pois a Escolinha tinha princípios adquiridos do MEA, de não interferir nas atividades artísticas, no sentido de cobrar traços, cores, formas e outros adotados pelas escolas formais. Buscava interação social, o desenvolvimento da criatividade, a interdisciplinaridade, sendo que cabia aos *animadores* proporcionar este ambiente de trocas entre os artistas e a escola para que as crianças conseguissem expor suas fantasias interiores.

Pelo que se pode constatar a Escolinha do D.E.C., no fim desses cinco anos, ganhou sede própria, e mudou-se para as antigas instalações do Instituto Pestalozzi de Goiânia, situada na 5ª Avenida s/nº, Vila Nova, sendo o prédio reformado, principalmente, com a ajuda dos pais dos alunos, e são ainda construídas salas especiais, com palcos, atelier e piscinas para atividades de coordenação motora, especialmente, para alunos portadores de deficiência.

Em 1968, a escolinha, conforme MORAIS (Entrevista, 2005), foram ampliadas outras salas: atual biblioteca estadual, mais espaçosa, para 95 alunos. Sempre com o apoio de Domiciano de Faria, já em 69 eram quatro professores e 160 alunos, aproximadamente. Passaram para o andar térreo, sala-arquivo do Museu; agora havia uma antessala, o atelier-classe e uma saleta com pia. Mais espaço, mais alunos. Em 1970, já constam seis professores, cinco assistentes, uma secretária, uma coordenadora e 302 alunos. Uma parte do Museu fora invadida (seção de geologia) e um improvisado parque, permitido pela união com muros dos prédios

Museu e BEG. No parque, havia canteiros, areia e um tanque-piscina onde as crianças nadavam, brincavam de esconder, gritavam e, assim, de mansinho, mereciam a sede definitiva para a sua Escolinha. Ganharam o antigo prédio do Pestalozzi, adaptado pela Superintendência de Planejamento de Goiás SUPLAN.

De 1971 – 1978, com a junção das Escolinhas para a 5ª Avenida, muda-se também seu nome, passando a se chamar *Escolinha de Arte Infantil*. Para esta mudança não há explicações, mas MORAIS (Entrevista, 2005) afirma que todas as vezes que mudava o governo e, conseqüentemente, as secretarias, mudava-se o quadro de funcionários e as funções.

O corpo discente da escolinha de Arte, em 1971, era composto por uma faixa de 3 a 53 anos, principalmente candidatos ao vestibular da faculdade de Artes da Universidade Federal de Goiás, que ali buscavam se familiarizarem com algumas disciplinas do futuro currículo. Não havia castigo de qualquer espécie e as obrigações nasciam espontaneamente do Espírito dos meninos e meninas. Os alunos podiam entrar e sair da classe à vontade e tomavam gosto pela arte brincando. Os alunos, de 17 anos acima, recebiam aula no atelier livre, apreendendo artesanato, feitura de flores, desenho artístico, pintura e decoração.

Para Alice VIEIRA (Entrevista, 2005), na época em que começou a trabalhar na escolinha (1974), a mesma recebia um jornalzinho chamado “Arte-Educação”, direcionado para professores, artistas e pesquisadores do Brasil. A escola recebia mensalmente este jornal que publicava artigos, cursos, relatórios e experiências na área, esta publicação era feita pela Escolinha de Arte do Brasil.

Talvez o que ocorreu com o nome da Escolinha tenha sido decorrente das conotações políticas, o que segundo a mesma não chegou a lhe causar grandes mudanças, pois somente no último ano de sua permanência como funcionária ainda houve mudanças. MORAIS comenta:

“já era hora de pedir conta e ir embora, fui para Brasília, casei e mudei, então ficou a Rosa Maria em meu lugar, já era neste edifício com essa estrutura que não foi acrescido nada nesses últimos anos, eu só vi manter o calçamento o Espírito vivo da Escola e ali no bloco de dança que antes era a residência da Dona Ana, Servente da Escolinha em 1970 (Entrevista, 2005).

Mas a preocupação com a mudança de nome de escola para “Escolinha de Arte Infantil” não seria a explicação para a fusão das duas primeiras escolinhas; a de Nidemeyer e com a de Luiz Curado?

De 1978 – 1980, com o crescimento da clientela e com a insistente procura por vagas para adultos, a escolinha de arte acaba matriculando-os. A denominação contida no citado Decreto (nº 212 de 28/07/69) é Escolinha de Arte Infantil, mas considerando lidar também com adolescentes e adultos foi abolida a palavra infantil ficando apenas Escolinha de Arte. Posteriormente, através da Lei nº 8.408 de 19/10/78, foi recriada a Escolinha de Arte.

No período de 1980 – 1984 vimos que outras mudanças ocorreram. No governo de Íris Resende Machado é criada a Fundação Cultural de Goiás, em 14/09/80, conforme o Decreto Lei nº 1.788. Escolinha passou a denominar-se Instituto Escolinha de Arte Veiga Valle. Ela crescendo, seu nome permanece até 1980, quando é extinto o D.E.C. Com a criação da Fundação o então Presidente, Jacy Siqueira, faz uma homenagem ao Escultor Goiano José Joaquim da Veiga Valle. Devemos lembrar que desde a fundação o “ensino era praticamente gratuito”. Era cobrada apenas uma taxa de cada aluno para comprar materiais e equipamentos.

A Escolinha funcionava em turnos matutino e vespertino, atendia turmas alternadas, com alunos de 03 a 13 anos, para os ateliês-classe, e de 13 a 80 anos para atelier-livre. A proposta continuou sendo a Educação Através da Arte. Seguindo as ideias do MEA, preocupava-se com a *interdisciplinaridade*, com o ajustamento emocional e com a livre expressão. A Escola de Arte Veiga Valle possibilita às crianças, jovens e adultos, novas formas para se expressarem, realizando uma comunicação harmoniosa. Os *animadores* passavam “pelo Estágio Supervisionado de 3 meses, sendo avaliados por professores e coordenadores da escola.” (Entrevista, VIEIRA, 2005).

Em 29/12/83, conforme Decreto nº 2.302, foi extinta a Fundação Cultural de Goiás, bem como todas as Unidades que a compunham e que foram absorvidas pela Secretaria de Cultura e Desportos.

Outras mudanças acontecem no período de 1984 – 1987. Alice VIEIRA (Entrevista, 2005) comenta que em 1984, a Escola de Música e Dança, da Secretaria de Cultura

e Desportos, foi incorporada ao Instituto Escola de Arte Veiga Valle, passando a chamar-se Escola de Arte, Música e Dança Veiga Valle. Porém, podemos verificar um equívoco de datas, ao constar no Ofício nº 778/83 de 16/12/83, ao afirmar que, em fevereiro de 1983, a Escola de Música e Dança (uma unidade da Fundação Cultural) foi integrada à Escola de Arte, passando a denominar-se Escola de Arte, Música e Dança Veiga Valle.

Para Alice VIEIRA (Entrevista, 2005), a escola, desde a sua fundação, trabalhava e ainda trabalha, de certa forma, com a *interdisciplinaridade*. Na época, se busca a integração das linguagens – Música – Dança – Teatro e Artes. Antes, o professor tinha que ser polivalente – hoje a Escola tem um professor específico para cada linguagem, porém trabalham juntos, fazendo um mesmo planejamento, e desenvolvendo várias linguagens artísticas. As crianças interagem com interesses num ambiente Musical, artístico, teatral e também através de movimento. Por não especificar em sua denominação a palavra plástica, tal como a música e a dança, considerando a universalidade da Arte, foi alterado o nome da Escola que, até 2002 chamou-se Escola de Arte Veiga Valle.

Cada Atelier da escola tem o nome de um artista plástico reconhecido, sendo que no dia 13 de setembro de 2005 o padrinho do atelier de Artes Plásticas, o professor e gravador da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, José César Clímaco, é convidado a visitar a turma, recebido com entusiasmo pela professora Kátia Rodrigues e alunos, que ficaram surpresos ao conhecerem um artista local e que apareceu no Jornal da cidade.

Conforme Sônia Maria ARAÚJO (Entrevista, 2005) a escola de Artes Veiga Valle comemorou no dia 23 de outubro de 2005 seus 38 anos, porém seu espírito ainda permanece com, no máximo, doze anos, assim como seus alunos, extrovertidos, alegres e sorridentes. A escola, que outrora trabalhara com adultos, hoje atua somente com crianças de até 12 anos, diferenciando assim crianças e adultos que são matriculados em uma extensão do Veiga Valle, que é o Centro de Educação Profissional em Arte Basileu França, que administra diversas modalidades artísticas, com a possibilidade de se tornar Centro Tecnológico. O lema da Escola de Arte Veiga Valle é proporcionar experiências diversificadas, sendo pública, e gratuita,

com o propósito de oferecer o direito a qualquer criança, sem distinção de raça ou sexo a frequentar a escola.

Hoje, dentro da Escola Veiga Valle se trabalha projetos, por linguagem, sendo cada qual dentro da sua especialidade, dividindo-se em Artes Plásticas, Ritmo e Movimento, Educação Motora, Teatro, Modelagem em argila e Musicalização, com crianças de 04 a 09 anos, nos períodos matutino e vespertino. Artes Plásticas e Escultura em Argila são para os interessados de até 12 anos, com matrículas semestrais, feitas com antecedência, pois atualmente existe até lista de espera.

Por esta escola já passaram vários artistas, a exemplo Marcelo Solá, artista plástico, contemporâneo, vencedor da 2ª Bienal de Artes Plásticas de Goiás, em 1991, com exposição na Bienal Internacional de São Paulo e no Drawing Center, em Nova York, com obras no Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro, e Edna Goya, professora da Universidade Federal de Goiás e pesquisadora em História, teoria e crítica e em ensino de arte e Arte Goiana, que estuda para o vestibular, de arte, em 1979, nessa escola.

Ainda existe na escola uma preocupação com a qualidade da formação dos professores, mas, no que se refere à contratação deles observamos que a maioria é contrato temporário, aspecto que não deixa de mostrar as contradições, pois a renovação constante de profissionais pode comprometer a continuidade e qualidade dos projetos da escola. Mas, ainda apresenta, hoje, preocupação com a *interdisciplinaridade* e com a integração com a comunidade e artistas da cidade, conceito ligado ao ideário da Escolinha de Arte, do Rio de Janeiro, que agregava, na sua prática pedagógica, a inserção de artista no seu cotidiano. Também busca encampar o conceito de integração entre as diferentes linguagens da arte.

Em 2002, a escola passa a chamar-se Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França – CEPABF dentro do Programa de Expansão da Educação Profissional do estado de Goiás. O Centro incorporou a Escolinha de Artes Veiga Valle, que fora inaugurada em 23/10/1967 como a primeira escola pública Estadual de Artes. O CEPABF iniciou suas atividades oferecendo cursos de formação Inicial e continuada na área de Artes subáreas: Música, Artes Visuais, Teatro e Dança. Na

busca de seus objetivos, em agosto de 2008, iniciam-se os cursos de Habilitação Técnica Profissional de Nível Médio em Artes.

Considerações finais

A Escolinha de Arte Veiga Valle possui duas versões para a sua criação, sendo a primeira a de que foi criada, em 1962, por Luiz Curado, e a segunda, a de MORAIS, de que a escola foi criada, em 1967. Mas, mesmo sem ter acesso aos documentos originais que comprovem essas versões, fica claro, pelos documentos oficiais existentes, de que a última versão é que foi reconhecida, para efeitos comemorativos. Mas, se formos considerar os documentos de Luiz Curado torna-se impossível negar que a sua criação tenha sido feita em 1962. Assim sendo, a escolhinha seria resultado da fusão das duas primeiras escolinhas de artes criadas em Goiás; uma criada por Neddermeyer, fundada entre os anos de 1948-1949, e a outra, a de Luiz Curado, fundada em 1962, embora haja muitas contradições nos documentos encontrados. Mas, podemos afirmar que a escolinha Veiga Valle traz para Goiás princípios do MEA, movimento que se desencadeia a partir da Escolinha de Arte do Brasil. Também podemos considerar as afirmações de Alice Vieira (2005), de que, em 1984, a Escola de Música e Dança, da Secretaria de Cultura e Desportos, tenha sido incorporada ao Instituto Escola de Arte Veiga Valle, passando a chamar-se Escola de Arte, Música e Dança Veiga Valle.

De início, nenhuma das escolinhas possuía um projeto pedagógico, mas os seus propósitos eram verificar o desenvolvimento da capacidade criadora das crianças, mediante a exploração de materiais diferenciados, deixando as crianças livres para refletirem e expressarem seus sentimentos através de cores e formas. Não se impunha técnicas acadêmicas, mas livre-expressão, criadora. Outro ponto relevante a se destacar é que tanto a Escolinha de Arte do Brasil, criada em 1948, no Rio de Janeiro, quanto a Veiga Valle, criada em Goiás, em 1962, tiveram como primeiro nome ESCOLINHA, o que, segundo Augusto Rodrigues, é um termo “usado, no diminutivo, com componente afetivo. A ESCOLINHA, do Rio de Janeiro, inicia-se com o nome de ESCOLINHA Castro Alves, posteriormente, devido à implantação de novas turmas surge a necessidade de um nome de maior abrangência, passando a chamar-se Escolinha de Arte do Brasil” (COSTA, 1990, p. 381).

O termo “escolinha”, criado em 1962, para a Escola de Arte Veiga Valle, vem para indicar uma proposta de Arte Infantil, ou ESCOLINHA Infantil, cujo modelo pedagógico origina-se do movimento de EAB/RJ, fato que se consolida com a ida da Professora MORAIS para ir ao Rio, para assimilar o processo de ensino daquela escola. O nome permanece até 1964 quando é transferida para o Estado, a fim de atender todas as classes sociais sem distinção de cor, sexo ou renda per capita.

Já na versão de 1967, inicia-se com o nome Escolinha do Departamento Estadual da Cultura (D.E.C.), e muda seis vezes conforme conseguimos averiguar. Recebe o nome de Escola de Arte Veiga Valle em 1987. Outra característica da Escolinha de Arte do Brasil, presente na Escola de Arte Veiga Valle, é a gratuidade, sendo cobrada somente uma taxa semestral para aquisição de materiais.

A Escola de Arte Veiga Valle nasceu e cresceu procurando manter, até a década de 1980, um diálogo muito próximo com Escolinha de Arte do Brasil, sendo que essas ideias ainda permanecem, em parte, vivas nesta escola. Há ao longo de seus 38 anos, cursos de dança, música, escultura, pintura, história de arte, teatro, buscando práticas “contemporâneas”, aliadas às brincadeiras do “Fazer Arte”, com liberdade, responsabilidade, recreação e criatividade (Entrevista, MORAIS, 2005).

Como propósito de a Escola desenvolver a *interdisciplinaridade*, assim como a do Rio de Janeiro, busca articular a produção das crianças com a dos artistas e as diferentes linguagens. Para isto, os convida para realizarem aulas práticas e exposição de trabalhos na escola. Os projetos são elaborados pelos professores e coordenadores, com temas: “O Artista vai à Escola”. Também são realizados eventos, em datas comemorativas, com a participação da comunidade em geral. Conserva a tradição de realizar festas para as mães e pais, páscoa, aniversário da cidade, da escola, com o propósito de valorizar a expressão e a capacidade de criação das crianças. Os materiais utilizados são diferenciados e de qualidade. Usam lápis, canetas hidrográficas, giz de cera, tintas guache e artesanal, bem como diferentes tipos de papeis. Mas, hoje, muito pouco se preserva do projeto original.

Vimos que a escolinha firma seus princípios filosóficos de ensino de arte no movimento do MEA/RJ, trazidos por Luiz Curado, isto porque uma de suas utopias era fundar, em Goiânia, uma “Escolinha” de Arte Infantil, para preparar as crianças

para a produção e compreensão da arte, cujos conteúdos deveriam contemplar a prática e a História da Arte (GOYA, 1998). Podemos considerar, ainda, que esta escola torna-se a referência na mudança de paradigmas no que se refere à formação de professor de arte em Goiás, haja a vista que ela é a primeira a introduzir, no Estado, concepções modernistas de ensino de arte, baseados na livre-expressão, fato que acontece mesmo antes da criação do primeiro Curso de Formação de Professores de Desenho da PUC/GO, em 1964 e Artes Plásticas da UFG, Licenciatura, em Desenho e Plástica, criado em 1974.

ⁱ Cecy Aparecida Curado Morais, reconhecida como fundadora e primeira Diretora da Escolinha de Arte do D.E.C. (atual Escola de Arte Veiga Valle) integrante do MEA, concluiu a graduação em jornalismo, publicidade e Propaganda em 1973 na UNB (...) foi concursada e aprovada em 1º lugar na Fundação Educacional de Brasília no CETEB (...) até 1975. Foi professora adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG) desde 1976. (CURADO, Cecy 2005).

ⁱⁱ Alice Vieira - funcionária da Escola de Arte Veiga Valle que ingressou na escola como estagiária, passou a assistente de professores, professora, depois coordenadora geral. Hoje atua como supervisora técnico pedagógica do Centro da Educação Profissional em Arte Basileu França, uma extensão da Escola de Arte Veiga Valle.(VIEIRA, 2005).

ⁱⁱⁱ Animadores – termo que surge na EAB para substituir o termo professor.

BIBLIOGRAFIA

MORAIS, Cecy Aparecida Curado. 21/06/2005. Entrevista concedida a GUIMARÃES, Cassilda Batista, Delma Maria de Moraes e Vanosclei Figueiredo. A “Escolinha” de Arte Veiga Valle de Goiânia – Goiás. Entrevista concedida a GUIMARÃES, Cassilda Batista Delma Maria de Moraes e Vanosclei Figueiredo. A “Escolinha” de Arte Veiga Valle de Goiânia – Goiás.

ARAÚJO, Sônia Maria. 01/07/05. Entrevista concedida a GUIMARÃES, Cassilda Batista, Delma Maria de Moraes e Vanosclei Figueiredo. A “Escolinha” de Arte Veiga Valle de Goiânia – Goiás.

VIEIRA, Alice. Goiânia, Goiás. 05/09/05. Entrevista concedida a pesquisadora. A criação da “Escolinha” de Arte Veiga Valle de Goiânia – Goiás.

CURADO, Ely Craveiro. Goiás. 05/09/05. Entrevista concedida a pesquisadora GOYA, Edna. A criação da “Escolinha” de Arte Veiga Valle de Goiânia – Goiás

CURADO, Luiz Augusto do Carmo. **Gravura em Goiás**. Goiânia, 1992. 1Cassete (20 min.) color PAL-M, VHS. Entrevista concedida a Edna de Jesus Goya e Cirlei Domingos dos Santos. Gravação de vídeo.

VIEIRA, Alice. Goiânia, Goiás. 05/09/05. Entrevista concedida a pesquisadora. A criação da “Escolinha” de Arte Veiga Valle de Goiânia – Goiás.

GOYA, Edna de Jesus. A arte da gravura em Goiás: raízes e evolução. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo/UFG, 1998, p. 65.

ARAÚJO, Sônia Maria. 01/07/05. Entrevista concedida a GUIMARÃES, Cassilda Batista, Delma Maria de Moraes e Vanosclei Figueiredo. A “Escolinha” de Arte Veiga Valle de Goiânia – Goiás.

COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo. Escolinha de Artes Florianópolis – 25 de atividade arte-educativa – Florianópolis: FCC, 1990. Entrevista concedida por Ana Mae Barbosa. Florianópolis, 21 de dezembro de 1987.

Edna de Jesus Goya

Professora da Faculdade de Artes Visuais/UFG – GO, Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP; Mestre em Arte Publicitária e Produção Simbólica pela ECA/USP-SP (1998); Curso de Especialização em Educação (UCG, 1986) e em Arte-Educação (UFG, 1989); Bacharel em Artes Visuais, Habilitação Gravura (UFG, 1992) e Licenciatura em Desenho e Plástica (UFG, 1983). ednajgoya@yahoo.com.br